



EIXO 7: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES EM PERSPECTIVAS FEMINISTAS, INTERSECCIONAL, DE GÊNERO E RAÇA

NARRATIVAS DE GÊNERO NAS INFÂNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA REDE MUNICIPAL DO RECIFE/PE

Luana Santana da Silva

FUNDAJ/UFRPE

luanassan@gmail.com

Claudilene Maria da Silva

UNILAB

claudilenems13@gmail.com

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar uma prática pedagógica realizada durante o Programa de Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), com crianças do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública municipal do Recife/PE. A atividade, desenvolvida em outubro de 2023, teve como foco a discussão sobre estereótipos de gênero nas infâncias, por meio da literatura infantil e de recursos audiovisuais. Essa proposta nasceu da compreensão de que o espaço escolar pode e deve ser um território de enfrentamento às desigualdades sociais e de gênero, e que a formação inicial docente, por meio de programas como a residência, precisa articular teoria crítica e prática pedagógica comprometida com a transformação social. A vivência se baseou na leitura do livro *Escola de Princesas Recatadas*, de Eliandro Rocha (2018), e na exibição do vídeo *Até as princesas soltam pum*, de Ilan Brenman, com o objetivo de provocar reflexões sobre os modelos de feminilidade impostos às meninas. Ao longo da atividade, foram realizadas rodas de conversa com as crianças, que tiveram espaço para expressar suas percepções sobre o que significa “ser menina” ou “ser menino”. A abordagem se fundamentou na perspectiva de que as identidades de gênero são construídas cultural e historicamente, e não são naturais ou fixas (BUTLER, 2003; LOURO, 1997). Judith Butler (2003) nos lembra que o gênero é um conjunto de atos repetidos dentro de uma estrutura reguladora altamente rígida. Esses atos são performativos, ou seja, produzem aquilo que aparentam apenas representar. No ambiente escolar, essas performances de gênero são constantemente reforçadas por meio de currículos ocultos, brincadeiras separadas e expectativas distintas para meninas e meninos. É nesse sentido que práticas pedagógicas

críticas se tornam ferramentas indispensáveis para desnaturalizar tais construções. Durante a experiência, foi possível observar tanto a reprodução de discursos normativos (“meninas são mais delicadas”, “não podem fazer coisas perigosas”) quanto movimentos de resistência, como crianças afirmando que “todo mundo pode brincar de tudo” ou que “cada um pode ser o que quiser”. Essas falas revelam que as crianças, mesmo na educação básica, já operam significados sobre gênero que podem ser ampliados ou ressignificados com mediações adequadas. Como aponta Silva (2003), identidade e diferença são construções sociais ativamente produzidas por discursos e práticas culturais. Do ponto de vista metodológico, o relato foi sistematizado a partir da observação direta e das produções das crianças, que ao final da proposta criaram seus próprios contos de fadas, reinventando os papéis atribuídos aos príncipes e princesas. As narrativas revelaram novas possibilidades de representação do feminino e do masculino, com histórias que fugiam dos estereótipos tradicionais, como princesas corajosas enfrentando dragões ou príncipes que gostavam de cozinhar. A teoria de gênero de Connell e Pearse (2015) também sustenta este trabalho, ao apontar que os papéis atribuídos a homens e mulheres são frutos de um sistema social de gênero que regula comportamentos e acessos ao poder. Para as autoras, a escola é um dos principais espaços de reprodução (ou transformação) dessas estruturas, sendo vital que as práticas pedagógicas sejam capazes de promover a justiça de gênero. Do mesmo modo, Teresa de Lauretis (1995) defende que o sistema sexo-gênero é uma tecnologia cultural que molda os corpos e subjetividades conforme expectativas normativas, o que reafirma a importância de experiências como a aqui relatada. A escolha pela literatura como ferramenta pedagógica também se ancora na ideia de que as histórias que contamos participam da construção das identidades (LOURO, 2003). Quando oferecemos às crianças narrativas que rompem com a lógica binária e estereotipada dos contos de fadas tradicionais, estamos contribuindo para a ampliação de seus horizontes de identificação e pertencimento. Como defende Marineide da Mota Mercês (2017), a escola deve acolher e cuidar das diversidades humanas, promovendo saberes que favoreçam identificações singulares e coletivas. A ausência dessa valorização pode reforçar estigmas e inviabilizar o florescimento de identidades plurais e emancipadoras. A experiência vivida durante a residência pedagógica reafirma o valor desse tipo de formação inicial. Estar inserida na realidade escolar com supervisão e acompanhamento, tendo espaço para planejar, executar e refletir criticamente sobre



práticas pedagógicas, foi fundamental para o fortalecimento da minha identidade docente. O PRP proporcionou uma imersão significativa, em que teoria e prática dialogaram a favor de uma educação sensível à diversidade e comprometida com os direitos das infâncias. Em síntese, o trabalho com questões de gênero nas séries iniciais demonstrou ser não apenas possível, mas urgente. A escuta das crianças revelou que, desde cedo, elas já estão imersas em discursos que naturalizam desigualdades, mas também são capazes de romper com esses discursos quando encontram espaço para pensar e sentir de outras formas. A escola, nesse sentido, tem o dever de fomentar essas fissuras e acolher as vozes infantis em sua potência criativa, questionadora e transformadora.

Palavras-chave: formação docente; estereótipos de gênero; infâncias.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero:** uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e Impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MERCÊS, Marineide da Mota. A educação e as novas configurações familiares. **Anais do IV CONEDU**, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35137>. Acesso em: 25 jul. 2025.

ROCHA, Eliandro. **Escola de princesas recatadas**. São Paulo: Callis, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.